ANO 3.º LISBOA--TERÇA-FEIRA, 17 DE JULHO DE 1923 N.º 699

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

OS nossos mortos — os mortos ilustres — vão sendo recolhidos em Belem, sem que o templo manuelino esteja preparado para os receber.

—«Quando teremos um panteon?»

Esta pregunta não encontra uma resposta que satisfaça as pessoas que respeitam as glorias nacionais.

Será a Igreja de Santa Engracia ou a Basilica da Estrela?

As opiniões divergem—o que é propicio á desatenção do governo que não gosta de preocupar-se com problemas desta especie.

Junqueiro, ainda depois de repousar, na sua eça, sob as abobadas de Belem, tinha logar marcado, ao pé dos caixões que encerram os restos mortais de João de Deus e Garrett.

Um alvitre feliz fez com que fosse colocado noutro sitio — a capela do tumulo de Herculano. Nem por isso deixa de achar-se num regime provisorio.

Ele que tanta vez dizia:

—«Meu amigo, neste pais só dura o que está condenado a desaparecer» — acaba por ser vitima dos erros e rotinas que condenou.

—«Quando teremos um Panteon?»

Sabe-se lá! Em Portugal, está tudo por fazer, acumulando-se projectos e planos de futuras grandesas e monumentos.

Grandes homens não nos faltam...

Emquanto vivos, eles se encarregam de regular a sua vida com modestia, para não serem apodados de ambiciosos. Casa pequena, mas coração grande...

Depois de mortos, os seus concidadãos resolvem tributar-lhes honras nacionais.

Desgraçadamente, não têm sequer um tumulo para oferecer-lhes. Organisa-se o cortejo da trasladação para o Panteon que não existe e surge logo a velha e acida discussão:

—«Onde devem colocar-se as urnas dos nossos Imortais?»

Como as opiniões não escasseiam, a polemica agita-se e ageita-se nas colunas dos jornais, até que, vencidos pelo desanimo, os polemistas se decidem a calar-se, deixando ao tempo o cuidado de lhes dar razão.

* * *

A saida do sr. ministro da guerra, na ocasião em que está em transito o debate sobre a politica do governo, devia colocar este em má situação, se por ventura as oposições se achassem com coragem bastante para um golpe de critica acerba e violenta.

Tal não se dará, pois todos medem os perigos duma crise ministerial, nesta altura.

O governo mantem a ordem publica e busca estabilisar o cambio. Se nós tivermos paciencia e resignação evangelica, ainda viveremos dias de contentamento, não nos esquecendo, claro está, de dar graças a quem nos assegura dois beneficios tamanhos.

A felicidade não consiste propriamente em ter muita riquesa, mas sim em viver satisfeito com o pouco. Sob este ponto de vista, nós os portugueses já não temos muito que invejar.

* * *

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para a *Cronica literaria* que publicamos na segunda pagina. Firma-a o nome conhecido de Mario de Almeida, o apreciado escritor da *Cidade-Formiga* e é um estudo critico do magnifico livro de contos *Corpos e Almas* do brilhantissimo homem de letras e laureado academico Joaquim Leitão.

A NAÇÃO

A proposito do artigo de ontem — *Dormir, sonhar...* um nosso velho amigo enviou-nos uma carta em que declara a sua plena concordancia com as ideias que nele apresentámos.

Leia-se o seguinte:

— «Como v. eu entendo que ha uma verdadeira necessidade de se arejar a atmosfera governativa, pondo nas cadeiras do poder homens fortes e prudentes que defendam a ordem publica contra todas as perturbações, venham donde vierem, mas que ao mesmo tempo mostrem compreender a vida moderna, não nos obrigando a suspirar por um passado que nunca mais voltará». —

Estas palavras não pertencem á categoria das desnecessarias ou inuteis, visto que elas não só correspondem a um interesse passageiro, mas sim a uma obra de salvação.

Os cegos não vêem que, se a politica teimar no emprego duma terapeutica antiquada, ineficaz, portanto, para os males de que sofremos, o mal estar social ir-se-ha agravando, a ponto de termos de apelar para a cirurgia que, como é sabido, não usa de meios brandos.

O egoismo que é contrario a todos os sentimentos nobres, entre eles o patriotismo, não cuida do futuro, a não ser para se acautelar contra os perigos que ameaçam a plenitude da digestão.

Lembremo-nos, porém, que a nova civilisação, apesar de se dizer que nela se resolverão todos os antagonismos economicos, ha de firmar-se em ideias e conquistas de ordem moral e espiritual.

O nosso país, em todas as suas grandes crises, escapou á morte, porque soube formar barreira — um só peito, um só coração — contra o derrotismo.

Hoje, impõe-se o mesmo alto esforço.

A nossa sorte depende da energia e do entusiasmo crente com que soubermos vencer as sugestões dos apetites mandibulares.

Ninguem se julgue seguro, pelo facto de ter acumulado uma enorme fortuna.

Esta só será util, se o seu possuidor a converter num instrumento beneficio de acção e progresso social.

Mal daqueles que se esquecem tanto do que devem á sociedade que se imaginam fadados pela providencia para dispensarem a simpatia do seu semilhante, reputado por eles um simples intruso, perante a ostentosa pompa dos seus festins...

A ONDA DE CALOR

Segundo os astrologos, a vaga de calor que está passando no Norte da Europa ameaça atingir tambem o Sul.

(Dos jornais)

— Ó menina, e se vier a onda?
— Eu não a receio, já estou preparada...

UMA austriaca, vendo que o seu marido a não amava, como nos primeiros anos de casada, consultou uma bruxa cigana que lhe recitou como remedio infalivel que fizesse alguns bolos de farinha e ossos humanos moidos e que lh'os desse a comer, pois assim ele tornaria á temperatura da lua de mel.

A propria mãe se encarregou de lhe procurar, no cemiterio da sua aldeia, o elemento macabro da estranha mistura.

O diabo foi que o marido, ao provar os bolos, julgando estar envenenado, tratou de dar parte á policia. Esta correu logo a prender a esposa desvairada, metendo-a na cadeia.

Chamada a preguntas contou toda a verdade. Soltaram-na, porque mostrou não ter obedecido a qualquer intenção ou mobil criminoso.

Sómente desejava ser amada... Embora o meio usado para o conseguir fosse menos que higienico, nem por isso deixara de aspirar a uma coisa absolutamente honesta—ser feliz, ao lado de seu marido.

* * *

A COMPANHIA de Dario Nicodemi que esteve no Brasil e na Argentina, fez na capital desta Republica um espantoso sucesso teatral, tendo dado cento cincoenta e cinco recitas, a uma media de rendimento de trinta contos de moeda portuguesa por noite, e excedendo todos os «records» antes estabelecidos por Coquelin, Guitry, Duse, Tina di Lorenzo, Maria Guerrero, Zacconi, Borras, etc. O sucesso no Brasil foi grande mas menor.

* * *

NA feira de Albergaria dos Dose, varios rapazes envolveram-se em desordem, fiiando alguns feridos com pauladas. O povo prendeu-os e sovou-os a todos por igual. Esta maneira de fazer justiça, se fôsse transportada para Lisboa, talvez resolvesse um problema que tanto faz suar a justiça da Boa-Hora.

* * *

UM leitor pede-nos que chamemos a atenção das autoridades para a linguagem empregada por alguns lidadores na trincheira do Campo Pequeno, sem a menor atenção pelas senhoras que nas barreiras assistem ao espectaculo.

* * *

AMANHÃ, ás 21 horas e meia, realiza, na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia, uma conferencia sobre *Gand, Cidade de Flôres e de Monumentos*, o notavel jornalista e banqueiro belga, Edgard Lippens.

* * *

EM Mezão Frio, vai levantar-se uma estatua a José de Alpoim. O ilustre orador e jornalista, quasi esquecido em Lisboa, encontrará, junto ao seu querido Douro, a primeira hora de justiça?

* * *

ENCONTRA-SE já á venda e em distribuição o n.º 3 da revista mensal *Angola*, que se ocupa de assuntos que interessam directamente á economia e ao fomento da nossa grande provincia da Africa ocidental.

* * *

ACABA de sair mais um numero da *Novela Sucesso*. Intitula-se o *Triunfo da Arte* e é do sr. Eduardo Frias.

Pelo «sport»

JUNTO DAS REDES

Noticias de Espanha

A Federação Catalã proibiu que na sua região se efectuem desafios de foot-ball, durante o verão.

Parece que o Comité Nacional Espanhol lhe vai seguir o exemplo, proibindo em absoluto que se jogue, depois de terminado o campeonato de Espanha.

* * *

Segundo comunicações que temos por autorisadas é um facto a fusão dos clubs galegos «Vigo» e «Fortuna».

Posto que as lutas locais percam algum interesse pela supresão dos dois «teams» rivais, a região galega fica beneficiada, com um «onze» que é seguramente um dos mais fortes de Espanha, e um candidato de respeito ao titulo de campeão de Espanha.

Um desafio amigavel

Ante-ontem, no campo de Hockey Club de Portugal, o Aguia Foot-ball Club bateu o Santa Marta Foot-ball Club por 3 bolas a 1.

AO SOM DO «GONG»

Firpo bate Jess Willard

Luís Firpo, a esperança argentina, bateu por «knock out», Jess Willard, o ex-campeão do mundo a quem Dempsey arrancou o titulo.

O combate foi fraco como espectaculo. Willard caiu de joelhos depois de receber uma seria, mas parecia em estado de poder continuar a combater, e a sua derrota surpreendeu toda a gente.

Firpo mostrou não ter escola mas apenas força e um grande poder agressivo.

Willard, durante os oito «rounds» que durou o «match», não atacou uma unica vez.

Em resumo: foi um combate lamentavel, e o vencedor—dizem os criticos americanos—está longe da «classe» de Dumpsey.

Salão Foz e Chiado Terrasse

No Salão Foz e Chiado Terrasse anuncia-se para hoje a estreia do *film* de arte, da casa Gaumont, intitulado *Sua Atteza*, cine-comedia em 4 partes e a *rèprise* do *film* dramatico em 8 actos *El Dorado*.

No novo *film Sua Atteza*, álém da admiravel concepção do seu entrecho altamente delicado e sentimental, da sumptuosidade do meio em que se desenvolve e da excelencia da sua figuração, ha para admirar o magnifico trabalho de cinematografia moderna.

Completa o programa a pelicula de actualidade nacional *Os funeraes de Guerra Junqueiro*, que tanto interesse despertou ontem na sua estreia e tão apreciada foi pela escolhida assistencia aos espectaculos dos dois elegantes cinemas.

Neves & Silva, Limitada

Faz-se saber que por escritura de 30 de junho findo, notario Eugenio de Carvalho e Silva, de Lisboa, foi dissolvida para todos os efeitos legais a sociedade comercial por quotas «Neves & Silva, Limitada» desta praça ficando todo o activo e passivo a cargo do ex-socio Alberto Henrique da Silva.

Lisboa, 12 de Julho de 1923.

O notario

Eugenio de Carvalho & Silva

— GUY D'OLIVEIRA —

ANALISES CLINICAS

Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo *Prof. Dr. Ayres Kopke*

Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann

Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes

R. Garrett, 74-1.° Telef. C. 4186

CONVEM SABER PARA VOSSO INTERESSE que o Deposito da Covilhã, tem oficinas de alfaiataria para exclusivamente servir a sua numerosa clientela, e por preços excecionais, tomando a responsabilidade pela «boa confecção e aprimorado acabamento». Continua a vender excelentes casimiras de estambre para homem e senhora, e lãs em fio para malhas, **ao preço da fabrica. Mandam amostras ao domicilio.**

ROCIO. 93, 2.° andar (tem elevador).

FILIAL, rua do Ouro, 206, 1.° esquina da rua da Assunção, entrada LOJA DA AMERICA.

CRONICA LITERARIA

O LIVRO DE CONTOS "CORPOS E ALMAS"

de Joaquim Leitão

Se ha livros que se atiram fora logo na terceira pagina, outros existem que se leem até ao fim, e destes, alguns mais raros, fazem scismar. O grande Barbey d'Aurévilly punha assim de parte uns cinco por cento dos que lhe iam parar ás mãos; se em Portugal houvesse um d'Aurévilly ver-se-hia esta percentagem notavelmente diminuida e porventura não se escreveria tanto. Todos teriamos a lucrar com isso e o livro verdadeiro que aparece de quando em quando não seria injustamente submergido no *mare magnum* sempre crescente das poetisas sem poesia e dos simbolistas sem simbolia. Maior teria sido o ruido feito em volta do livro de Joaquim Leitão, *Corpos e Almas*, e um publico menos morfinisado e mais culto teria infalivelmente encontrado neste homem de letras um escritor de raça, dos que infelizmente se tornam cada vez mais raros na nossa terra onde com o ultimo *vencido da vida* não tarda tambem que desapareça o ultimo leitor inteligente.

De facto nós não sabemos o que melhor admirar em Joaquim Leitão, se a elegancia facil e ritmica da sua frase, se o seu conceito habitualmente muito leve mas sempre enternecido ou ironico. E' um homem de letras que vê as suas figuras, que se agita e freme com elas e que tem, como o diria Maupassant de ver bem e de reproduzir bem o que vê Não poderá com facilidade afirmar-se que as suas figuras sejam todas verdadeiras mas o que é verdade é que são todas indiscutivelmente humanas. Neste escritor — que não é uma creança de vinte anos, felizmente para ele e para os que o leem — corre largamente o *tepido leite da bondade humana* que se figura indispensavel a Shakespeare para saber sofrer e tirar da sua magua uma lição moral e aproveitavel.

A par da sua tristesa peninsular que perpassa aqui e acolá com uma nota de tristeza insofrida, muita ironia transborda, a melhor de todas as ironias, a do homem que tendo vivido, resume a sua filosofia num encolher de ombros indiferente e flacido. Decerto Joaquim Leitão é constantemente um portuguêse por consequencia um apaixonado mas domina com destresa todas as exhuberancias mais vehementes do sentimento ou da paixão. Essa flexuosidade de espirito leva-o por vezes á creação de figuras que estão agora muito em moda e que serão talvez amostras de humanidade mas que não lucram nada em se tornarem conhecidas. E' ver o Vicente de Sousa, do *For Ever*. Amaveis jogos de palavras, galanteio, *mairvaudage* muito dados, um pouco de Crébillon, o estouvamento garrulo de Crewots, e firmesa gaulesa de Prévost, a graciosidade marchetada de Goamiani ou de Julio Dantas.

Mas depressa se liberta do ambiente do seu tempo e da leitura que muito naturalmente lhe mobila o espirito. Com efeito, esta individualidade parece retida por fios invisiveis e tenases—os fios de Gulliver—sempre que a sua pena se força irritadamente, como que para comprazer, ao gosto actual do publico. Comtudo, observem-no, leiam-no nos seus outros quadros, onde estejam mais naturalidade e menos literatura, mais coração em detrimento do ritmo, mais doçura neutralisando o arpejo da sua forma. O artista sobrepõe-se ao homem de letras, o moralista amavel que não tira ilações e não faz comentarios, predomina, servindo-se então duma pena absolutamente segura, pintando com os bicos do seu aparo como Goya com a ponta do seu pincel: rude e forte. Porque se compraz este escritor em analises fugitivas, em pequeninas manchas de claro-escuro, aguas fortes ou aguarelas, seis, sete, oito paginas lançadas com uma negligencia facil onde o talento irradia,—quando podia, quando devia a si e aos seus leitores a tela sintilante e ampla dum romance? Sem duvida, ele o dirá a seu tempo.

Da *Cabeça a Premio* e do *Varre-Canelhas* até este ultimo volume, até *Corpos e Almas*, todo o ductil, todo o homem de *métier*, de percepção clara e de subtilesa desenvolvida por um progressivo espirito de critica, notará uma evolução gradual, lenta—e por consequencia segura. Facilmente se verificará que não só o pamphletario dos *Homens Politicos*, como o tumultuoso autor da *Historia do meu tempo*, se transformaram *paripassu* desabrochando numa bonhomia elegante, ainda que ligeiramente desdenhosa, como tambem o seu temperamento se modelou em formas mais fluidas, menos limitadas, mas incontestavelmente mais vibrateis. Uma linha ascendente, um ramo de parabola desenha-se claro e nitido. Partido duma vocação instinctiva encontra o trilho duma orientação determinada. Desembaraça-se rapidamente do capricho da forma, da natural tendencia portuguesa para a bela frase de contestura correta, por vezes obsoleta. Tem, de facto, o que melhor caracterisa uma individualidade — um estilo proprio e inconfundivel. A cada passo se vê como esta observação já sediça de Buffon exprime na realidade uma ideia incontroversa. E tomando o exemplo de Joapuim Leitão e dois livros dele, marcando pelo menos um intervalo de dez anos, — nota se facilmente como se amacia, como se dulcifica um espirito essencialmente combativo, e sobretudo como dez anos de luta e de aguda aprendisagem dos homens e das cousas, podem dar ritmo, elegancia, flexibilidade, dextresa e flacidez harmonica a quem é por naturesa um lutador com salientes severos denotando um temperamento estructuralmente critico.

Este ultimo livro, *Corpos e Almas*, o prova bem. Quem melhor hoje poderia ter escrito os dois quadrinhos magnificos que são *Suprema Coragem* e *Pelos Santos Evangelhos?* Não é facil dar mais relevo e mais côr á ideia tratada n'*O ultimo negocio dum judeu*. A tal ponto são evidentes os sintomas de força e de veia para trabalhos de maior folego, neste momento literario em que se está escrevendo tão mal e duma forma tão inconsciente, que se lamenta uma actividade despersiva de que se pode e de que se deve esperar obra de maior vulto.

Se o gosto do publico encaminha hoje o escritor para a novela curta e fulgurante, não é, todavia, menos certo que existe em Joaquim Leitão, basilarmente um romancista, um artista que necessita de quatrocentas paginas para desenvolver n'elas o que o seu talento incansavel concentra em duas folhas de impressão. O seu dialogo forte, incisivo, de visão segura, de perfeito manjar de *ficelles*, reclama constantemente a paixão, a côr, a veemencia, o movimento. E' vêr como ele se compõe, toma vulto, consistencia, intensidade atravez das paginas vibrantes de *Sem rasto* ou de *Shodahão*. Duas linhas vincam uma alma. Uma palavra define uma situação. Até a propria quebra que se lhe nota por vezes, constitue uma graciosidade a mais. A linha recta ou vagamente ondeante que costeia a monotonia, não existe n'ele. Este impulsivo escreve em linha quebrada e se fosse possivel diafragmar o estilo de Joaquim Leitão, vêr-se-ia com pasmo uma série de curvas por vezes angulosas, correndo com facil elegancia entre ordenadas e obcissas. Certos repiques, engenhosas repetições, a ponta velada d'uma natural melancolia, a *mestria res* do homem equilibrado, dão ao seu descritivo vago, como que toldado de neblina, a espirituosa simplicidade que têm as paginas de Paulo Heyse. E' lamentavel que escreva n'este momento em que Sapho percorre os *boudoirs* e os homunculos milimetricos sejam herois á falta de melhor. E' um forte que veiu fóra do seu tempo e que o seu tempo asfixia. Mas se Joaquim Leitão precisasse tomar o logar infelizmente vago no actual romance português, poderia faze-lo com estranha facilidade e o seu *droit de conquête* seria empolgante e rapido. Como este critico se transformou em poeta! *Ad augusta per augusta!*

Mario de Almeida

MAQUINAS DE ESCREVER

IDEAL

A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO LUQUE, 3, 1.° (Junto ao Rocio).

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Alda Ferraz de Sousa Rego, D. Margarida Manuel Pinto Coelho, D. Maria Vera de Castelbranco de Paiva Brandão, D. Helena Archer Guedes, D. Delfina Ervedosa e D. Matilde Aires de Sá.

E os srs.:

Frederico São Mamede, Fernando Antonio de Melo Lages, Antonio de Queiroz Andrade Pinto, Francisco de Martel Patricio, Francisco de Lemos Santos e Maximiano da Silva.

Festa de caridade

No Monte Estoril

No proximo domingo realiza-se no Grande Casino Internacional, desta aristocratica praia, uma interessante festa a favor do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, patrocinada por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade. O programa já elaborado faz prever uma concorrencia desusada, de mais estando já muitas familias a veranear naquela linda praia.

«Rendez-vous» elegantes

Agenda

A nossa sociedade elegante dá «rendez-vous» ámanhã de tarde nas «matinées» dos Salões Foz e Chiado Terrasse e esta noite na festa artistica da notavel actriz Lucilia Simões com a celebre peça de Ibsen «A Casa de Boneca».

Recitas da moda

No elegante teatrinho «Maria Victoria» inauguram-se na proxima quinta feira as recitas da moda com a engraçada revista «O Fado Corrido», que tanto exito tem obtido. As noites de quintas-feiras vão portanto ser elegantissimas, estando já marcados na bilheteira muitas frizas e «fauteuils» de orquestra por senhoras da nossa sociedade.

Em viagem

Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Virginia Duff Burnay Pinto e de suas filhinhas partiu hoje para a Quinta do Santo Antonio, na Parede o nosso querido amigo sr. Antonio Vieira Pinto.

—Para Bissau parte ámanhã, a bordo do «Pinheiro», o antigo alferes de cavalaria 7 sr. Francisco Cardoso da Silva Pimenta.

—Partem brevemente para o estrangeiro os srs. condes de Vila Alva.

—Partiu de Beja para Cabrela o sr. Caetano José Ferreira Junior.

—Partiu de Coimbra para as Pedras Salgadas o sr. dr. João Augusto Mendes Arnaut.

—Regressou do Gerez a Cascais o sr. Joaquim da Conceição Pedada.

—Parte brevemente para S. João do Estoril, com sua esposa a sr. D. Alda Santos Fontes Pereira de Melo e seus gentis filhinhos o sr. Pedro Fontes Pereira de Melo.

—Acompanhado de sua familia partiu para o Monte Estoril o sr. dr. Cordeiro Ferreira, especialista de doenças de crianças.

CINEMA CONDES

A conclusão dos "Párias do amor"—Os funerais de Junqueiro

Muito completa, em todos os seus pormenores, é a reportagem cinematografica, expressamente feita para o Cinema Condes, dos funerais de Guerra Junqueiro. Esse «film» magnifico repete-se hoje, estreando-se o final do famoso romance «Os párias do amor», e fazendo parte do programa o primoroso «film» de arte «O XV preludio de Chopin», a comedia o «O heroe sonhado», etc. Para muito breve, sucedendo aos «Parias do Amor», o soberbo romance de aventuras de um gatuno sentimental—«Mãos de arminho».

A's Senhoras

Gafsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.°

Telefone N.° 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senheras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO 74

LITERATURA

A arte de bem morrer

por Antonio Ferro

Um trecho da conferencia feita no Brasil e lida, ha dias, no salão da "Ilustração Portuguesa"

A Vida é o curso superior da Morte. Durante a vida deve aprender-se, apenas a morrer. A Morte é uma prova de concurso para a Eternidade. Ela deve ser a nossa maior vitoria. De resto, a Morte é um preconceito, uma invenção das agencias funerarias. Morrer é subir, abandonar o corpo como um fato velho. Não ha mulher mais linda do que a Morte. Ela adormece, ela fecha os olhos de quem deseja, ela cega como uma grande paixão. A morte é uma senhora. E' preciso recebê-la, é preciso ter o cavalheirismo de não a desiludir, de não a deixar envergonhada, vexada, no seu amor por nós. A Morte é mulher. E é talvez por isso, minhas Senhoras, que a mulher é, ás vezes, a morte... A Morte, com o rosto de morte, não existe. A Morte é a apoteose da Vida, um final de acto, onde convem que a ultima frase seja de efeito. A Morte é um papão e nós não somos meninos. Morrer é passar para o lado de lá, é viajar. Nós falamos dos fantasmas, das almas do Outro Mundo, sem nos lembrarmos de que, para esse outro mundo, nós somos, talvez, os fantasmas, as Almas deste Mundo.

A Morte é uma encantadora: petrificanos. A Morte é um beijo do Alem, é a saudade que Deus tem de nós, é uma escultura da Vida, a ultima pincelada no retrato de nós proprios, o unico retrato que se parece comnosco. Verlaine, como ouvi a alguem, só teve semelhança comsigo, com o retrato de Carrière, no seu leito de morte A Morte é o ultimo andamento da sonata, o primeiro passo para a Beleza Suprema. A Morte, minhas Senhoras e meus Senhores, é a Vida, é a Vida em repouso, a Vida de mãos postas sobre o peito..

Não haja malentendidos. Ao fazer o elogio da Morte, eu não digo mal da Vida, da Vida em movimento. Quanto mais perfeita fôr essa Vida, mais perfeita será a Morte. A vida é o caminho da Morte. E' preciso macadamisar esse caminho. A Terra é o maior teatro. Vivei é ensaiar o papel, que nos foi distribuido pelo Creador, papel que só interpretaremos na nossa ultima hora. Viver é juntar os dias em parcelas, somá-las no ultimo instante... Viver é compôr sobre nos um Outro Eu, é dar ao nosso corpo e á nossa Alma o geito olimpico de um verso... Viver, meus Senhores, não é ser humano, é ser sobre-humano. Não nos resignemos a materia, não nos resignemos a ser como todos, suicidemos o instinto, artificialisemo-nos o mais que pudermos, nunca sejamos nós, sejamos sempre aquele que não existe, sejamos sempre a mentira, sejamos sempre a nossa Arte. A Vida, para ser bela, não deve ser espontanea deve ser premeditada, ensaiada, com a nossa inteligencia na concha da fronte, atenta como um ponto na ribalta... Os que vivem sem ficção, sem mentira, são os encarcerados, os empregados publicos da Creação. Se a Vida nos fornece tintas na côr das coisas, se nos fornece tela nos corpos da mulheres, se nos cede este grande *atelier* que é a Terra, porque não aproveitamos, porque não fazemos Arte com a Vida, porque não fazemos como Deus, esse extraordinario pintor dinamico, o adivinho do cinematografo?.

Ha um segredo para viver bem, para viver sem felicidade mas com beleza— que é, afinal, a unica felicidade. E' viver sósinho, é construir a nossa vida como um teatro de papel, recortarmos, nós proprios, na nossa Alma, os personagens que hão-de contrascenar comnosco, fazer da nossa Vida um Guignol, dar ás nossas mãos a humanidade das mãos de um saltimbanco, pôr Jehovah em nossos dedos. Para que havemos de procurar amigos, se os podemos ter, mais fieis, mais dedicados, na Arte, nos personagens inofensivos das novelas, nos heroes estaticos dos poemas? Para que hei-de reparar nos meus inimigos, insignificantes e torpes, se na frases na minha obra, que são o meu constante remorso, frases infelizes mas grandes, frases crueis mas nobres? ..

Dir-me-hão agora. E o amor? Porque não se recorta o Amor? Porque não se recorta, na nossa Alma, a Mulher? Porque a Mulher não é apenas Alma!.. Dessa forma, não haveria tesoura de artista, que conseguisse dar-lhe o debuxo. A Mulher é Carne, Alma e Sonho A nossa mulher é a nossa carne. Quando a encontramos, continuamos sósinhos, porque as mulheres não vivem comnosco, vivem em nós...

As vidas isoladas são as vidas mais lindas, as vidas mais acompanhadas, as vidas arquitectadas pela Àrte, sem humanidade nem verosimilhança... Só a Arte, creiam-me, póde embelezar uma Vida. A Vida torna divino o Creador. A Arte é o divindade do Homem. A Arte foi dada ao Homem para que ele se fizesse Deus. Uma vida sem Arte é uma mulher sem beleza. A Arte é o *bâton* da Vida. Vida sem *décor*, sem artificio, sem *veloutines*, sem requinte,—é vida em trajes menores... Os Artistas são os enscenadores da Vida. As grandes sensibilidades só vivem felizes—na ilusão dos scenarios. Quem se resigna aos bastidores,—não merece ter nascido... O segredo de viver é o seguinte: viver como quem não vive, viver como se fôsse um sonho, tornar irreal a nossa presença na terra. As vidas acabam. Os sonhos, como não existem, não acabam nunca. Viver é ser efemero. Sonhar é ser eterno. Sonhemos, portanto.

Ponhamos Arte na Vida, jamais ponhamos Vida na Arte... Assim como os scenografos pintam os scenarios onde os maiores dramas se vão desenrolar, assim todos os artitas, antes de viver, devem pintar a sua vida.. Ponhamos Arte na Vida!—gritarei sempre. Corramos reposteiros de brocado e de sêda sobre toda a miseria; em cada chaga plantemos uma estrela, que em cada porta o azul se rasgue, que todos os corpos vibrem como versos... E jámais, jámais—grito mais alto ainda!—ponhamos Vida na Arte.. A Vida cai sobre a Arte como chuva violenta, como um temporal desfeito. A Vida é o Homem. A Arte é D... Que a Vida, portanto, respeite a Arte, que não queira subir até ela... O que é belo, o que é victorioso, o que é supremo, é arrancar á Vida a sua porção de divino, dar apenas as linhas mais altas, as que mais sobem, dar apenas as côres mais fortes, as mais inverosimeis... O que é preciso, numa frase, é restituir á Arte o que a Vida lhe roubou.

E é assim, é vivendo com Arte, minhas Senhoras e meus Senhores, que se aprende a bem morrer Quem sabe artificializar a Vida, porque não ha de artificializar a Morte? Desde que se tenha uma atitude, á hora de morrer, a morte deixa de ser uma realidade—para ser uma atitude.. Morrer bem é viver para sempre, é ser imortal, é pôr a morte sobre nos, a morte negra, como uma casaca A morte é natural, como tudo, como uma flor, como um beijo, como uma vida Os assassinos são os maiores filsofos da morte Não lhe dão importancia nenhuma. Eles matam como quem fuma, eles matam como quem rasga documentos impertinentes Um punhal, nas suas mãos, é uma raspadeira.Eles esgotam uma vida—como quem lê um livro!Os assassinos matam sem remorso porque matam sem ambiente, sem *décor*: á esquina de uma rua, num borrão sombra, em plena floresta, no scenario ingenuo duma casa burguesa. O que exagera a morte o que lhe dá fisionómia, o que lhe dá côr a morte, é o ritual, a maquilhagem sinistra, que os homens lhe puzeram: os grandes panos negros, as eças, os tocheiros altos, as flores cortadas, como cadaveres, sobre os cadaveres... Ha uma pagina, na minha saudade, que eu vou colar a esta conferencia porque exemplifica o que a morte tem de dóminó, o pavor que ela póde inspirar quando surge, em *toilette*, e a indiferença que ela provoca, quando vem como Deus a fêz.

Foi em Loanda, em Africa, essa Africa onde o Infinito é mais perto, onde a noite desce, rapidamente, sem transições, como tampa de sarcofago. Na fortaleza dos Degredados, plantada ao alto da Cidade, como um espantalho, morrera a mulher do comandante, uma linda mulher, linda de corpo e alma. Tinha os labios em coração e o coração como uma boca sensual e fresca. O comandante era brusco, sacudido, feroz, com um açoite de sete pontas na voz aspera, homem severo, implacavel, sempre disposto ao castigo, raramente resolvido a perdoar.. Esse *raramente* era ainda a mulher, a mulher rara, que ali, na fortaleza, em seu carinho e ternura, era o indulto, o indulto de todas as condenações... Muitos lhe ficaram devendo alguns dias a menos na Casa da Cal, a terrivel prensa, meio metro para dez almas, á torreira do sol, moldando os corpos em cicatriz.. Quando ela, a providencia loira, surgia de manhã, no pateo da Fortaleza, todos sentiam a pena diminuida, todos viam o ceu, através os ferros da cadeia.. Pois morrera, morrera a mulher do comandante, numa tarde suave, numa tarde lirica, numa tarde-petala de rosa... Ao ser conhecida a noticia da sua morte, a Fortaleza ficou toda alagadinha de tristeza... A grande Fortaleza foi-se comprimindo, foi-se apertando em dôr, até ficar do tamanho da Casa da Cal, pequena como um coração em sangue.. E no dia do funeral, á hora em que o corpo saia da casa do comandante, linda gaiola vazia, os degredados, craneos rapados como planicies sêcas, fatos em ganga, com a alma em sêda, por momentos, tinham formado alas no pateo, cabeças baixas, guilhotinadas de magoa. E quando o corpo passou, todos aqueles homens, habituados á morte, irmãos do crime, tinham lagrimas nos olhos, lagrimas choradas pela morte de alguem que era um pouco da sua vida... Pela primeira vez, nas linhas hirtas do scenario tragico, no convivio daquela existencia tranquila e santa, eles, os assassinos, tinham visto a Morte, a Morte vestida, a Morte séria, tão diferente daquela morte que eles conheciam, daquela morte que eles não respeitavam... Foi o homem, na verdade, quem estragou a Morte, quem fez dela uma mulher de luto. Foi a Vida, foi a Vida quem inventou a Morte ...O que dá vida á Morte, é a solenidade, o ritual, o scenario pomposo e retorico. Para os assassinos, a Morte é nua. Por isso não a respeitam. Façamos como eles. Matemos a Morte! Vamos desmascará-la, arrancar-lhe o dóminó negro, vamos acordála a golpes de Jazz-Band... Ensinemos o tango á grande depravada... Que os corpos tombem, mas tambem como estroinas e faustos em noite de folia... Façamos rir as caveiras com os seus olhos infinitos... Em vez de ataudes, *maples*—os grandes sarcofagos da vida moderna... Em vez de flores cortadas, açucenas e goivos,—labios em febre.. O processo não é meu. Já Marinetti o gritou, em qualquer manifesto. Mas as ideias, como as vidas, não acabam. Eu canto o que Marinetti gritou, eu canto a Morte de cabelos soltos, eu canto a Morte que sabe cantar, eu canto a Morte boemia...

Foi em Paris, numa revista das *Folies*, que eu encontrei o verdadeiro simbolo da Morte viva, o grande segredo da Eternidade. Montmartre. Em frente duma casa suspeita, depois duma scena violenta, um marujo crava um punhal no peito da *gigolette* — um aventalinho encarnado sobre um vestido negro—encarnado e negro, a bandeira do crime. A ronda vai passar. O marujo está perdido. A seus pés, o corpo da amante breve, é uma condenação. Fugir é impossivel. Já não ha tempo. Dansa-se na casa supeita, um rez-do-chão com uma janela oxigenada no meio da noite... O marujo não hesita. Ergue o cadaver da amante, como uma pluma, põe-lhe os braços bamboleantes sobre os ombros fortes, e dansa, dansa com ele, ali, no meio da rua, emquanto a ronda passa, uma valsa ignobil, uma valsa *apache*, aguda como um punhal... Façamos todos o mesmo, minhas Senhoras e meus Senhores: levemos a Morte nos braços, como uma *gigolette* apunhalada..

Ha quem tenha feito assim, ha quem tenha sabido morrer, ha quem tenha possuido a Morte, com grandeza, com lealdade, com orgulho... Foi sobre esses, sobre os azes da Morte, que eu escrevi esta conferencia .Eu colecciono mortes gloriosas como quem colecciona borboletas, a ver aquela que tem as azas mais belas, a ver aquela que póde fazer-me voar mais alto...

Primeiro que todos, Jesus. O Homem Divino, O Homem Deus, o Homem que morreu para ser eterno, o Homem de olhos meninos, o Homem que abriu um parentesis de ceu na terra...

Meio Dia. Hora-Cruz, hora em que o sol é o grande Cristo na ascenção. O cortejo vai a caminho do calvario... Ei-lo, o baixo-relevo de tragedia e dôr, relevo em alma, alma que se fez carne para ser esculpida; Jesus, os dois ladrões, os soldados romanos, as mulheres em lagrimas—maximas de Jesus, maximas de labi em flor... Cristo não suporta a Cruz: leva já uma dentro de si... Simon de Cyrene, o camponês, é quem a leva forçado pelos centuriões, a Cruz, que lhe tatuou a alma, e que o fez cristão... O cortejo, o funeral de Jesus em vida, chega, finalmente, ao Golgotha. Artista da Morte, o maior escultor da Morte, Jesus recusa a bebida consoladora, que é de uso dar-se aos pacientes, recusa a venda, que lhe querem pôr nos olhos, a venda da embriaguez... Despem-no, ligam-no á Cruz, á Cruz mistica, que lhe vai apressar a morte, piedosamente.. Põem-lhe nas mãos, que, daí a pouco, já são cravos vermelhos. Cristo, o maior modelo, o maior modelo de virtudes, posa na Cruz, posa para a Humanidade, posa para o futuro. Ha tanta claridade no seu corpo, ha tanta luz nas suas chagas, que de Cinabue a Greco, todos o vêem, todos lhe dão a imagem unica que á força de mirrada, de exigua, é quasi tinta, pintada a suor de amor sobre o madeiro..

Jesus tem sêde, sêde de infinito. Pede para beber.. E em vez de infinito, dão-lhe vinagre.. Aos lados de Jesus, como moldura negra, cercam-no os dois ladrões.. A seus pés, os guardas jogam-lhe as vestes, as vestes onde ficaram escritas as linhas saudosas do seu corpo... Sobre a Cruz, em trê linguas, latim, grego e hebraico, a legenda infamante: *o rei dos judeus*. Maria Cleophas, Maria de Magdala, Joana, Salomé a distancia guardam, na Cruz bemdita dos seus olhos, para sempre, o corpo florido do martir. Os dois ladrões insultam Cristo, impotentes raivosos por não saberem roubar-lhe a divindade... E Cristo sorri, é Cristo perdoa, e Cristo tem a morte sobre os labios—como um beijo. Põe os olhos no ceu, como duas rezas, e exclama com uma voz forte, a ecoar no mundo e a ecoar no ceu: «O' pai! Entrego o meu espirito nas tuas mãos...» E, após esta frase ascencional, a cabeça tomba-lhe sobre o peito, como um lirio cortado...

E foi Jesus, minhas Senhoras e meus Senhores, o primeiro Homem que soube morrer, o primeiro Homem que não acreditou na Morte...

TODAS AS NOITES
— no —
TEATRO AVENIDA
BICHINHA GATA
A revista que bateu o «record» da
BOA GRAÇA

A VIUVA GOMES
continua enfeitiçando os novos ricos, um dos quais é o chefe do partido moralista
TODAS AS NOITES
no
Nacional Telef. N. 3049

S. CARLOS Telef. C. 5063
RECITA DE LUCILIA SIMÕES
HOJE ESPECTACULO DA MODA
Reaparição do prof. ANTONIO PINHEIRO
A peça em 3 actos de Ibsen
CASA DE BONECA
Tomam tambem parte no desempenho
Erico Braga, Mario Santos, Amelia Pereira, Maria Matos e Laura Linó
Enscenação de ANTONIO PINHEIRO
Primoroso programa pelo sexteto

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — A's 8 3/4 e 10 3/4 2 ESPECTACULOS 2 — HOJE
A revista de colossal exito
FADO CORRIDO
Montagem luxuosa! As mais belas novidades de enscenação! O teatro preferido pela melhor sociedade lisboeta — Graça e critica para toda a gente.
AVISO IMPORTANTE—Os bilhetes do teatro Maria Vitoria dão entrada gratuita no Parq. Mayer.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O guarda do muzeu

Era um velho guarda de muzeu que envelhecera vendo sorrir as madonas dos primitivos, contemplando a beleza carnal e explendida dos Rubens sanguineos, ajoelhando dias inteiros em frente dos rectabulos, onde virgens de frontes convexas, dedos como lirios, segurando açucenas, conversavam amorosamente com os anjos, detendo Jesus pequenino nos joelhos.

Envelhecera! A cinza e o pó dos seculos ia a pouco e pouco esbatendo os sorrisos frescos de mil mulheres. A horas mortas, o caruncho carcomia as velhas telas. Havia um rumor de azas, monologos misticos de madonas, pagens ardentes, regressavam de Jerusalem, e dos balcões floridos castellãs debruçavam-se, recolhendo a taça do Santo Graal...

Que amor oculto prendia ali a velha larva do muzeu?

Fôra um noctambulo, andara pelo mundo escavando ruinas, procurando amores, apunhalando corações; cantara em Sevilha, peregrino da Italia, nauta louco em busca de estrelas...

Mas para ele todas as estrelas eram palidas. Não havia mulher alguma que sorrisse como certa virgem de Tiepolo, encarcerada naquele muzeu.

Amava-a! Trouxera até junto dela todas as mulheres, e nenhuma sorria como ela, o amava naquele silencio comovido e extatico em que ela o envolvia.

Por isso, tinham ficado ali os seus vinte anos, e agora ao cobrar os sessenta, ele encontrava na suave virgem de Tiepolo, o mesmo amor, o mesmo sorriso, o mesmo gaiateio.

A. P.

UM PASSEIO MARITIMO
á cidade do Sado

E' já no dia 29 que se realisa a excursão a Setubal, promovida pela Caixa de Auxilio aos Tipografos do «Diario de Lisboa».

Desnecessario é encarecer as belezas deste passeio, que tem a anima-lo o Grupo Musical da Amadora.

O vapor «Vitoria», da Parceria dos Vapores Lisbonenses, tocará, no regresso, na ponte de Cacilhas, a fim de ali deixar os excursionistas da Outra Banda.

Os poucos bilhetes que restam pódem ser procurados nos seguintes locais:

Na administração do *Diario de Lisboa*, na tabacaria Araujos, Praça de Camões, n.º 36; na tabacaria Americana, Chiado, 44; na «Carioca», rua da Trindade, n.os 32 e 34; na barbearia Rodrigues, rua de S. Bento, n.º 337, barbearia da Rua da Rosa, n.º 39; na Chapelaria Social, rua do Rato, n.º 32; barbearia Martins, calçada do Combro, 60; estabelecimento de fanqueiro, Largo do Poço Novo, 4 e 6, na adega Alemquer, rua da Trindade, 93 na rua do «Seculo», n.º 8 e na Barbearia Bijou, de Costa & Correia, rua Rodrigo da Fonseca, 26 e 28.

Na Amadora:

Em casa do sr. Domingos Pedrosa (Arroja), e em casa do sr. José Serrano de Sousa Botelho, rua Gonçalves Ramos, n.º 23.

O «buffete» será fornecido pela acreditada «Casa Alemquer», Rua Nova da Trindade, 93.

A superioridade do CIMENTO CONDOR

De todos os cimentos que tenho empregado nas numerosas obras de beton de cimento armado, executadas sob a minha direcção, devo apontar como um dos que melhor satisfazem a todos os requisitos, que obras de grande importancia e responsabilidade exigem, o Cimento CONDOR.

(a) *Fernando Moreira de Sá*
Capitão do Estado Maior de Engenharia e Engenheiro Constructor

Agentes para o Sul do Paiz:

RAUL VIIERA, L.DA

RUA DA PRATA, 51 — TELEF. 3586 e 2194 C.

ENGANO DESFEITO

Uma figura curiosa

O sr. Antonio José de Almeida

importante proprietario africano e pai de quarenta e quatro filhos

conversa com o "Diario de Lisboa"

Num compendio de geografia elementar oficialmente aprovado, surge uma gravura com a seguinte legenda: «Sua Ex.ª o actual Presidente da Republica Portuguesa, o sr. dr. Antonio José de Almeida, em Lubango, auxiliando o gentio da região no trabalho da primeira debulhadora mecanica».

A Capital descobriu que a figura reproduzida na gravura não é a do actual Chefe do Estado Português. De quem se trata, então?

* * *

Antes do relato da conversa, alguns traços biograficos:

— O sr. Antonio José de Almeida que é um homem forte, de tez um pouco escura, sessenta e cinco anos de idade e poucos menos de labuta no Lubango, é uma das mais curiosas e mais importantes figuras da região. Tem auxiliado em tudo quanto lhe é possivel todas as nossas expedições que lhe devem parte dos seus triunfos.

Pedimos-lhe que nos conte um episodio interessante da sua vida, qualquer coisa que prenda a atenção dos leitores. E Antonio José de Almeida, seu sorriso bonacheirão e simples a bailar-lhe eternamente nos labios, diz-nos:

— Que lhe hei-de contar? Tenho tanta coisa interessante...

— Uma scena da campanha...

— Tenho entrado em todas, ao lado dos portugueses.

— Como soldado?

— Não. Como voluntario, pagando tudo, até a polvora.

— Tem, então, entrado muitas vezes em combate...

— Tenho. Nem sei quantas. E a prova está aqui...

E Antonio José de Almeida, sempre sorrindo, mostra-nos o corpo coberto de cicatrizes:

— Inda tenho duas balas metidas no corpo...

Antonio José de Almeida, cuja casa, antes da construção do caminho de ferro, era um oasis civilisado no meio do sertão, tem prestado os maiores serviços ás varias expedições:

— Quando do revez sofrido por Roçadas na campanha contra os alemães perdi imensos carros, viveres, etc. Fazem até parte das reparações exigidas aos alemães.

Evocam-se varias revoltas do gentio contra o dominio português. Em todas elas, Antonio José de Almeida desempenhou um papel importante.

— E o gentio não lhe quere mal por isso?

— Não. Eles sabem perfeitamente que é *guerra ao governo*. Todos temos obrigação de defender a Patria... E para lh'o provar, basta isto: Numa das ultimas campanhas, só me queimaram metade da casa. E aos outros queimaram tudo...

— Um jornal diz que o senhor tem 70 filhos...

— Nem tanto ao mar, nem tanto á terra... Só tive até hoje 44. E desses já morreram 13.

— Os outros...

— Seguiram varios destinos. Uns casaram... Os mais pequenos vivem comigo.

Antonio José de Almeida é uma figura prestigiosa. Entre o gentio, pode mesmo considerar-se um chefe. Tem milhares de negros trabalhando por sua conta.

— Pode considerar-se socegado o Cuanhama?

— Por emquanto...

E, numa confissão:

— Mas não lhe dou muitos anos... Uma manhã aparecem todos mortos...

E Antonio José de Almeida, ante o nosso espanto, explica:

— Imagine que teem desarmado tudo. Até aterraram os fossos dum forte, para fazer avenidas...

— O gentio está armado?

— Tem armas brancas. Mas nem disso precisava. Basta o peso deles... O que não teem é alma...

— Para quando prevê uma revolta?

— Emquanto os sobrinhos de Mandumbe — o ultimo soba, morto pelos ingleses — fôrem crianças, não há perigo...

— Os sobrinhos?

— Sim. Quem sucede ao soba são os seus sobrinhos, filhos da sua irmã mais velha.

— E porque não os filhos dum irmão?

— Porque o preto — que não é tão estupido como se diz — não confiando na virtude das pretas, pensa: *Filho de irmão poderá ser ou não*. O filho duma irmã é que é com certeza do mesmo sangue...

E assim fechou a conversa, sempre sorridente, o sr. Antonio José de Almeida, da Chibia, a quem um compendio de geografia deu honras de Presidente da Republica Portuguesa...

NOITE DE ARTE

A FESTA

de Lucilia Simões

no teatro de S. Carlos

Lucilia Simões que ha dias foi a grande *Magda* de Sudermann vai esta noite viver uma das figuras mais complexas, mais dificeis do teatro de Ibsen — a *Nora* da *Casa de Boneca*.

A poucas horas da representação, Lucilia diz-nos:

— Quando representei a *Casa de Boneca*

LUCILIA SIMÕES

pela primeira vez tinha vinte anos. Confieime ao instinto...

— Ao instinto resplandecente do seu genio...

— Não tive um palco onde ensaiasse. Estudei o papel...

— Hoje...

— Analizei-o. Submeto-me ás regras.

— Por vezes as regras destroiem a individualidade...

— A mim fazem-me mais consciente. Dantes, quando acabava de representar a *Casa de Boneca* estava cansada. Hoje, não...

— Vai dar á *Nora* uma sensibilidade latina...

— Como sabe essa figura de mulher aproxima-se muito da nossa idiosincrasia... Gosto muito dos dialogos do primeiro acto...

— E das suas interpretações, a mais dificil, não?

— E'. Mas eu gosto, sabe, de vencer as dificuldades...

— Já criou alguma figura que fosse o molde exacto da sua personalidade...

— Ainda não! Não sinto o personagem que intrepreto na *Rajada*. Por amor compreendo que uma mulher sacrifique tudo, repito, tudo, mas sem se colocar numa situação dubia em que depende de dois homens.

— ...

— Sou muito emotiva. Vivo da alma, da emoção dos nervos.

— Como faz o ultimo acto da *Casa de Boneca*?

— Tenho que lhe dar teatralidade, sem declamações exageradas.

Assim falou Lucilia Simões a grande interprete da *Magda*, da *Casa de Boneca*, da *Rajada*, da *Casa em Ordem*, que logo á noite o publico consagrará como uma das nossas primeiras artistas, senão a primeira.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

ESCLARECENDO

A ACÇÃO de Norton de Matos na provincia de Angola

Do sr. dr. João Emauz Leite Ribeiro, recebemos, ainda a proposito da entrevista concedida ha dias no *Diario de Lisboa*, e em resposta ás palavras do sr. Venancio Guimarães, a seguinte carta;

Senhor Director: — Muito longe estava eu de supôr, a proposito das minhas declarações sobre Angola e a acção administrativa do seu ilustre alto comissario, que haveria de receber a consagração de literato de que, por desventura minha, nunca me julguei merecedôr. Não me deu a Academia das Sciencias nem a consagrou a Gran-Cruz de Santiago apezar de andar para aí tão ao desbarato; deu-ma o sr. Venancio Guimarães, meu velho conhecido e negociante de Africa. E' alguma coisa. Muito obrigado.

Custa-me sempre ir contra a opinião de alguem, mas mais me custa não dizer a minha quando ma preguntam e neste caso, como sempre, não tive outro intuito senão afirmar com toda a minha independencia a verdade e fazer justiça á boa intenção e aos esforços do actual alto comissario de Angola. O que disse não foi dito por *blague* porque nunca gracejei com coisas serias. Mantenho, por isso, tudo quanto na aludida entrevista afirmei, crendo que assim fazia justiça a um homem que não pode deixar de merecer o aplauso de todos os portugueses que se interessam por Angola e não comprometam o seu juizo por prevenções ou ressentimentos que não tenho.

Quanto ao mais, o sr. Venancio Guimarães veiu para Lisboa para se desagravar e com o intuito de arrazar ao mesmo tempo o sr. Norton de Matos; eu vim para Portugal para tratar da minha vida e não para ser contraditor do sr. Guimarães ou defensor do sr. Norton de Matos cujos actos falam por si e já não podem ser iludidos.

Esta simples circunstancia habilitará os leitores do *Diario de Lisboa* a formularem o seu juizo.

Da referencia a uma conversa que comigo teve e da qual entre aspas transcreve uma frase, devo dizer para evitar equivocos e interpretações insidiosas que o caso se passou comigo e diz respeito á Companhia de Cabinda de cujo Conselho de Administração me honro de fazer parte e que há poucos meses fez com o Estado o contracto publicado no Boletim Oficial da Provincia, n.º 15, II serie de 14 de Abril de 1923.

A participação gratuita que a Provincia de Angola obteve no capital já emitido e a emitir da Companhia de Cabinda, hoje já representado por 84.000 acções averbadas á Provincia de Angola por determinação do seu Alto Comissario, constitui um enorme beneficio que este lhe conseguiu. Pelo que diz respeito ao fornecimento de trabalhadores basta que se leia o artigo 8.º do contracto que transcrevo para que se veja até que ponto foi o escrupulo do sr. Norton de Matos.

5O Governo da Provincia dará á Companhia de Cabinda o possivel e legal apoio para o angariamento do pessoal indigena».

Por ultimo apenas isto: fique o sr. Venancio Guimarães com a sua opinião que eu fico com a minha e em boa companhia, pode crêr, devendo dizer-lhe de passagem e como simples informação porque nada lhe levo, que as contas de gerencia, complemento do orçamento da Colonia, estão já feitas. Deve-se esse serviço ao trabalho e á inteligencia do actual Secretario de Finanças Ferreira Martins, que o sr. Guimarães bem conhece como um dos mais habeis funcionarios de fazenda nas colonias. Mais nada. Não será com a facilidade que eu lhe dê que o sr. Venancio Cuimarães encontrará alentos para uma campanha que, tão anunciada, já tarda que não estale e o sr. Norton de Matos se suma para sempre pelo caldeirão do Zaire. E cá por mim ponto final. Agradecendo, creia-me com toda a consideração e amizade — De v., etc., *João Emauz Leite Ribeiro,*

LISBOA SOMBRIA

O misterio do sotão da rua da Escola Politecnica

O aparecimento de alguns objetos e a suspeita de uma mulher a dias

A policia está na posse duma pista

Continua ainda envolto em misterio o crime de triplice infanticidio, descoberto ontem num sotão da rua da Escola Politecnica. Esta tarde o sr. dr. Crispiniano da Fonseca, adjunto do director da Policia de Investigação, acompanhado dos agentes Coelho e Esteves, esteve em casa do general sr. Garcia Guerreiro colhendo as impressões digitais nos objectos presumivelmente tocados pelos criminosos — E' já opinião assente que o autor do crime deve ter sido uma das mulheres a dias que por varias vezes esteve em casa da familia Guerreiro, e que exerce uma profissão repugnante.

Aparecimento de um corpete cor de rosa, e um jornal que faz uma data

Os agentes da policia de investigação que ontem de tarde estiveram no edificio da rua da Escola, e se demoraram em casa do ilustre militar — cuja familia, como se compreende, está impressionadissima com o acontecimento — encontraram no sotão da casa, não longe do local onde apareceram os três cestos com os cadaveres das três creanças, um embrulho de papel de jornal contendo um pedaço de cordão de reposteiro, um par de luvas, uma meia preta e um corpete de senhora, côr de rosa, objectos estes que não são pertença da familia, e a cujo aparecimento a policia liga certa importancia. O corpete parece ser de uma creatura franzina.

A policia, que ao contrario do que correu na visinhança, se tem limitado a colher da familia Guerreiro as informações tendentes a deitar a mão a umas mulheres de que se suspeita, tem sido muito amavel, não ocultando o seu desgosto em ter que incomodar constantemente as respeitaveis senhoras.

O jornal que fazia o embrulho é um *Diario de Noticias* e tem a data de 27 de abril deste ano, devendo ter sido deixado ali por esquecimento pela pessoa que pendurou os cestos.

Ouvindo a visinhança — O caseiro e o jardineiro — A sr.ª Engracia Maria

O caseiro Manuel está ali empregado ha cêrca de 30 anos. Serve agora o novo proprietario do predio, sr. Magalhães Barros, como serviu o antigo, sr. Vaz Monteiro. Tal qual sucede com o jardineiro Oliveira, a quem ontem nos referimos, a sua surpreza pelo que sucedeu é enorme. Ha dez anos que lida com a familia Guerreiro, não sendo licito sequer admitir a hipotese de que as senhoras conhecessem ou tivessem conhecido qualquer facto que levasse a supor uma tolerancia com qualquer especie de criminosos.

Uma mulher da fruta, vendedeira da rua, que serve a casa Guerreiro ha dez anos, Engracia Maria, diz-nos:

— Jesus, que cousa misteriosa esta! Que ralação para aquela familia tão seria! A senhora D. Ana é uma santa senhora, muito doente, que nunca abandona a filha, e nem esta abandona a mãe. Ora imagine-se o que têm passado nestes dias com estes negocios de policia, sempre de portas a dentro.

— E as mulheres a dias, conheceu alguma?

— Elas não paravam lá. Estas mulheres nunca param em parte nenhuma. A casa é muito grande, diziam elas. Até tinham medo.

— E alguma dessas mulheres tornou-se-lhe suspeita?

— Ha uma que me lembro de ter má cara. Mas nem sei os nomes.

— Então que pensa a senhora Engracia de tudo isto?

— Que estas mulheres que se metem a fazer destas e doutras em casas serias, devia-se-lhes fazer o mesmo que elas fizeram aos inocentes.

E por aqui ficou a senhora Engracia.

No rés-do-chão mora com sua mulher o sr. Fernando Silva. E' um casal muito serio, trabalhador, que tem uma filha e dois filhos, um deles espertote. Tem em casa um «atelier» de modista. O que as raparigas não sabem, não sabe ninguem. E' assim que nos aproximamos das costureiras, seis pequenas novinhas, as meninas, Virginia, que já é casada, a Ermelinda, Maria Augusta, Femiana, Cristina e Maria do Carmo, esta ultima uma lourita, cuja graça nos dá a esperanca de indicações mais vivas. A familia mora ali ha já uma dezena de anos.

— As mulheres a dias entram e saem e a gente a trabalhar nunca dá por elas. Ha mulheres a dias e mulheres a dias. Mas infelizmente as do sr. general nem todas tinham boa catadura.

Isto nos diz uma pessoa da familia, no «atelier». Uma das pequenas elucida:

— A gente nunca suspeitou de nada. A menina Maria José mal a viamos. Não recebia visitas e só saía com a mãe. Como é muito socegada e não andava escada abaixo escada acima não a conhecemos bem. Por isso não admira tambem que ela não desse por cousa alguma. Estava lá para a sua saleta. As mulheres de fóra podiam fazer o que quizessem. Sobrava-lhes tempo e casa para isso.

Em resumo, as pequenas do *atelier* não adiantam mais.

A Virginia ainda diz:

— Eu nem dormi.

E a Ermelinda:

— Eu até sonhei que me faziam o mesmo que ás petizas.

O que diz o Adjunto de Investigação — Uma pista!

— Isto é um caso interessante policial. Não tenha duvida.

— Uma boa policia descobria tudo em 24 horas para socegar esta familia...

— Nós — acrescenta o dr. Crispiniano da Fonseca, que é o Adjunto de Investigação e deputado, por sinal —, nós temos lançado todas as vistas para elementos denunciadores. Os nossos agentes têm interrogado mulheres que serviram aqui. Podia-lhe dizer alguma cousa.

— Mas...

— Mas não devemos prejudicar as investigações. Garanto-lhe uma coisa: dentro de 24 horas, de facto, estarei na posse de elementos decisivos.

— Uma pista?

— Uma pista segura. Não lhe posso dizer mais nada.

Chegára outro funcionario da policia. A propria filha do general sr. Garcia Guerreiro lhe veiu abrir a porta. E' uma senhora alta, gentil, demonstrando no rosto certo aborrecimento, os olhos magoados e um sorriso triste a receber as pessoas.

— Não repare. Andamos apenas a colher elementos subsidiarios.

E com esta explicação o agente foi-nos dizendo que fossemos interrogar o sol, cá na rua...

Mas o sol, iluminando as fachadas dos predios e os rostos das seis costureiritas á janela, parecia desmentir, numa chapada de beleza e de luz, que Lisboa seja realmente uma cidade sombria.

Pelos teatros

«Bichinha Gata»

No passado comingo, com uma casa repleta, que ontem se revetiu, subiu á scena, no Avenida, a revista «Bichinha gata», da autoria de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Lino Ferreira, ampliada com um quadro novo intitulado «Hontem, Hoje e Amanhã». Foi acertada esta «reprise» por todos os motivos: porque a peça fizera um sucesso e credra nome, porque havia necessidade de agrupar um tão distinto nucleo de artistas do genero e, finalmente, para provar que ainda ha possibilidade de fazer revistas de agrado, que prendam o publico e o interessem. E a «Bichinha gata», seja dito em abono da verdade, venceu, agara como ha tempo, pela sua factura modelar, pela sua graça permanente, constante, esfusiante mesmo, pela sua mise-en-scène» e até pela galanteria dos seus numeros, alguns de verdadeiro realce, a que não falta uma pontinha acentuada de boa arte. O desempenho é, por egual, excelente, prendendo o espectador ás rabulas menos salientes. O «compère», fóra dos moldes da sua maneira de representar, foi feito caprichosamente pelo actor Antonio Gomes, sobresaindo egualmente a «estrela» da companhia Raquel de Barros e ainda Maria Santos, Honorina Cruz, Angela Barros, João Silva e todos os restantes artistas, sendo a enscenação, de boa marca, de Satanela e Amarante.

A festa dos jornalistas

Está definitivamente assente que seja na proxima sexta-feira que se realise no teatro de S. Luís a festa em honra da «Casa dos jornalistas». Representa-se a peça «Os Conquistadores», pela companhia Palmira Bastos, fazendo uma conferencia o sr. dr. Cunha e Costa e havendo ainda um interessantissimo acto de variedades, em que colaboram os principaes artistas dos teatros de Lisboa, sendo a organisação deste programa obra da ilustre actriz Palmira Bastos.

Atrás do reposteiro

Deve exibir-se ainda esta semana no Politeama a ultima peça da temporada da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que, como se sabe, vai em breve iniciar a sua digressão pela provincia. Essa peça, uma comedia francesa, adaptada com extraordinaria felicidade por Tomás Ribeiro Colaço, intitula-se «O cambio... de marcos», está sendo ensaiada pelo professor e dramaturgo Augusto de Lacerda e nela toma parte toda a companhia, desempenhando o actor Robles Monteiro o principal papel. Ao que nos informam é uma obra cheia de graça e esfusiante espirito, devendo constituir um verdadeiro acontecimento.

— Os senarios para a peça «As pupilas do sr. reitor», com que a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho inaugura a sua epoca em agosto, no Apolo, estão sendo pintados pelo scenografo Luís Salvador, estando a a trabalhar no guarda-roupa Jaime Valverde.

— A companhia Alves da Cunha-Berta de Bivar tem um repertorio de doze peças, que poderá exibir no Politama durante os meses de Agosto e Setembro.

— E' o seguinte, o elenco da companhia de declamação e revistas, que sob a direcção artistica do actor-ensaiador José Climaco parte em breve para uma tournée pelas ilhas:

Miguel Orrico (baixo-cantante), Carlos Candeira (tenor), José Cardoso, Duarte Costa, Botelho do Amaral, Pinto Monteiro, Carlos Costa, José Climaco, Mario Torres (ponto), Henrique Cabral (maestro) e um maquinista. Actrizes: Amelia Perry, Elisa Carreira, Irene Amaral, Clotilde Xavier e Fernanda Gomes. Discipulas: Amelia Leite, Hirminia Silva, Amelia Ferreira, Helena de Sousa, Ana Fernandes, Maria das Dôres, Antonia Gomes e Maria Celeste.

— Regressou de Paris, o actor Mario Pedro da Invicta-Film, que vai começar a filmagem da «Tormenta» argumento de Paulo Osorio a ser publicado brevemente em folhetins no «Diario de Noticias».

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,15 — «Casa de boneca».
Nacional — Ás 21 — «A Viuva Gomes».
S. Luis — Não ha espectaculo.
Politeama — A's 21 — «Ordem de marcha».
Avenida — Ás 21 — «Bichinha gata».
Apolo — A's 21,15 — «Morgadinha de Vale Flor».
Maria Vitoria — A's 20,45 e 22,45 — «Fado corrido».
Eden — Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente — A's 21 — «D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

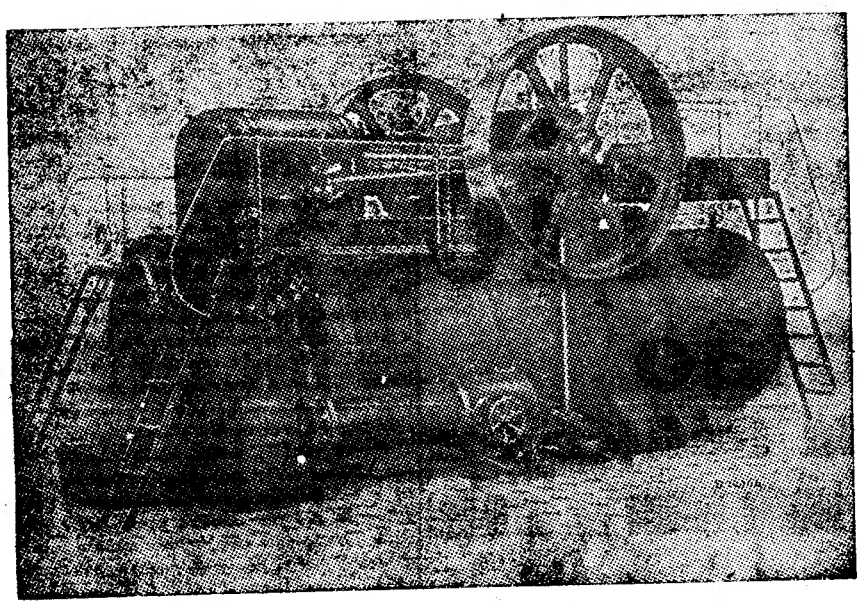
Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

Politeama — Ultimas representações
ORDEM DE MARCHA
Na actual semana O cambio de marcos
Adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, C.DA

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 397

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas **LANZ**

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS

LISBOA
RUA DO OURO, 18, 24

PORTO
PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

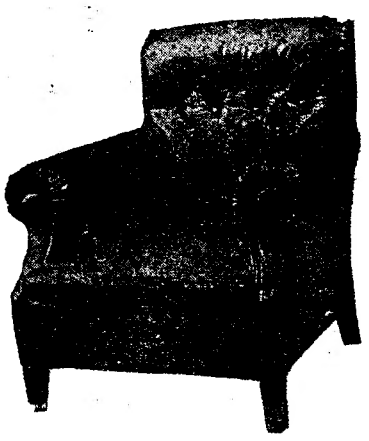
---

CONFORTAVEIS
GENEkO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)
TEL. C. 3082



MEYERS
Solarine
PUTZ-CREAM — SOL — PUTZ-CREAM

O GENUINO PRODUTO ALEMÃO

O melhor e mais economico liquido para limpar metais

Unicos representantes e depositarios em Portugal

H. GROTHKOP L.DA
R. Arco do Bandeira, 79 2.º
LISBOA
TELEFONE C. 55

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA
CASA BANCARIA
103, RUA AUREA, 105 — LISBOA
Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito ordens de Bolsa, cheques sobre as principais praças do Pais e estrangeiro, depositos á ordem e a praso. Todas as transacções bancarias
Telefone C. 3033 End. Tel. SOURA

A ACTIVA
RAMO COMERCIAL
Secção de aprestos maritimos

APRESTOS para armações, vapores de pesca, barcos de recreio e comercio
CABOS DE ARAME DE AÇO, MANILA, LINHO, PITA, CAIRO
LONAS de linho, COTÕES, BRINS, FILELE, bandeiras e mariatos

CORRENTES de ferro pretas e CALIBRADAS, Ancoras, Gatas e Fateixas Remos de faia e pinho, Alcatrão, Breu louro e preto, agua-raz, Coaltar, folhas de metal e prego para forro de navios, Archotes, Linhas para sondas e pesca em fibra e arame de aço

Encerados, Toldos, Barracas, Fatos, capas, suestes de oleado, Tintas para fundo de navios, alvaiades, vernizes, Tintas em massa e de esmalte marca NIPON, Motores maritimos e industriais WOLVERINE

R. 24 de Julho, 8--LISBOA
Telefones: C. 1601 e C. 3474
Telegramas: Activa-LISBOA

PEREIRA

ALFAIATE
Confecções para homens e senhoras
PREÇOS SEM COMPETENCIA
R. DA PRATA, 266, 1.º

Vinho Colares
V.S.
Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro
Pedidos a D. J. Silva L.da
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.º 1711

MELINA
O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Geral
Fernandes, Almeida & C.a, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SERVIÇO DE SAUDE

Concurso para farmaceutico preparador

Perante o Serviço de Saude desta Companhia, está aberto, por 30 dias, a contar da data deste anuncio, o concurso documental para provimento do logar de farmaceutico preparador com o vencimento fixo de escudos 120$00 mensaes e subvenção temporaria de 260$00, alem das regalias inherentes á sua categoria como funcionario da Companhia.

Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos da sua idoneidade profissional e moral e quaesquer outros comprovativos das suas habilitações literarias ou scientificas, ou dos logares que tenham desempenhado; certidão de idade que prove terem mais de 21 anos e menos de 34; certificado do registo criminal e documento comprovativo de torem satisfeito ás leis do recrutamento militar.

A nomeação será tornada definitiva, findos seis mezes de serviço efectivo, com boas informações.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na séde do Serviço de Saude, em Santa Apolonia, todos os dias uteis das 10 ás 17 horas.

Lisboa, 10 de Julho de 1923.

Pelo Director Geral da Companhia
(a) *Lima Henriques*

Por sentença de 27 de Junho do corrente ano que transitou em julgado, nos autos de acção de divorcio que, com o beneficio da assistencia judiciaria, Sabino da Conceição Gomes intentou contra sua mulher Alice de Jesus Pereira, foi dissolvido o casamento dos referidos conjuges.

Lisboa, 13 de Julho de 1923.

Verifiquei — O Juiz de Direito, *Carvalho Megre*.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUÊSES

OFICINAS GERAIS

ADMISSÃO DE ESTOFADORES

Admitem-se estofadores para serviço permanente nas oficinas desta companhia.

Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Gerais em Santa Apolonia.

Lisboa, 7 de Julho de 1923.

O Director Geral da Companhia
a) Ferreira de Mesquita

Não peçam qualquer refresco antes de provar a carapinhada de cacau

S. I. C.

A' venda em todas as confeitarias e leitarias.

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NA REGIAO DO RUHR

Condenações á morte!

A prorogação do bloqueio

Foi detida em Munich a princesa Margarida Holenlohe

PARIS, 17

O conselho de guerra das regiões ocupadas condenou á morte três alemães e outro a trabalhos forçados, por terem praticado actos de sabotagem.

Em virtude de continuarem as apreensões do dinheiro destinado á fabrica Krupp, a direcção decidiu estampar um papel especial para pagamento ao seu pessoal.

O governo alemão estabeleceu um premio de 25 milhões de marcos para quem prender o capitão Erhart, que se evadiu da cadeia de Leipzig.

Em Munich foi detida a princesa Margarida Holenlohe, de 29 anos de idade, acusada de cumplicidade na fuga do capitão, notavel vulto reaccionario, preso como chefe da organização «Consul», a qual tem levado a efeito numerosos assassinios, tendo sido presos alguns dos seus membros.

Ontem á noite deram-se dramaticas scenas na fronteira das regiões ocupadas, em consequencia da prorogação do bloqueio até 26 de Julho.—(E.)

Poincaré

e o seu discurso em Senlis

LONDRES, 17

Quasi toda a imprensa francesa apoia as declarações feitas no discurso pronunciado no domingo em Senlis pelo sr. Poincaré de que a França nunca concordará em que se decida por meio duma comissão internacional qual a capacidade da Alemanha para satisfazer os seus compromissos, como fôra proposto na nota alemã como base de discussão, desejosa como está de chegar rapidamente a uma resolução sobre a questão das reparações.—(R.).

10 dias

durará ainda o bloqueio

LONDRES, 17

Os franco-belgas prorogaram por mais dez dias o bloqueio da região do Reno e do Ruhr, que tinha sido cortada recentemente do resto da Alemanha como represalia do bombardeamento do comboio de Duisburg.—(R.).

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O GOVERNO BRITANICO

O QUE DECIDIRÁ SOBRE A RESPOSTA AO "REICH"?

A fazermos fé pelas informações telegraficas vindas de Londres, talvez só lá para o fim da semana decorrente—se qualquer novo obstaculo não surgir—poderá ser comunicada aos governos francês, belga e italiano, a resposta do gabinete britanico ao «memorandum» da Alemanha. Parece que o governo do sr. Baldwin tem, neste momento, questões importantes de ordem interna a solucionar e que, por isso, não poderá o sr. Curzon, a quem está confiada a primeira redacção do documento, dar conta da incumbencia antes de quinta ou sexta-feira. Não nos repugna acreditar que seja esse o motivo da demora; mas—verdade, verdade—convencer-nos-ia mais facilmente a razão invocada pela imprensa francesa de que o caso leva tempo a decidir por ser *muito aeticado e muito complexo*...

Seja porque fôr, uma pergunta inquieta desde já todos os meios diplomaticos, pesando como uma terrivel incognita sobre os destinos da Europa: qual será a resposta da Inglaterra? Tomando como base os pontos principais do tão discutido «memorandum» do Reich, de 7 de junho ultimo, o redactor diplomatico do «Daily Telegraph», que n'esta questão tem tido a prioridade das noticias sensacionais, prevê que seja, pouco mais ou menos, esta a resposta por que se anceia:

1.º—*Sugestão alemã* sobre a reunião de um conselho internacional para determinar a capacidade de pagamento do Reich.

Prognostico: o principio d'esta avaliação foi aprovada pelo governo britanico desde o principio, só faltando que se dê fórma a essa sugestão. A fim de obtemperar ás objecções periodicas que poderiam ser feitas pela França, propõe-se que a referida comissão internacional opere no ambito do Tratado de Versailles, de acordo com o *comité* da comissão de reparações.

2.º—*Sugestão alemã* sobre as garantias e o metodo de pagamento.

Prognostico. Os peritos britanicos consideram os tres tipos de garantias oferecidos por Berlim como adequados, ou, pelo menos, como os melhores que podem ser utilisados.

O «Daily Telegraph» nota que o governo belga e o seu delegado á comissão de reparações já no ano passado tinham aprovado o resultado de um inquerito sobre a capacidade da Alemanha, o qual era exactamente igual ao de hoje.

No que respeita ás sugestões alemãs sobre a reunião de uma conferencia para estudar e resolver o problema das reparações entre a Alemanha e os aliados, prevê-se que surjam serias dificuldades, visto se antolhar dificilimo que o governo belga aceite o ponto de vista britanico.

Tal atitude, de resto, não surpreende ninguem que esteja um tanto ou quanto a par das negociações a que a malfadada questão tem dado logar; por isso que se inspira, logicamente, no conhecido axioma franco-belga segundo o qual a resistencia passiva da Alemanha deve cessar sem condições antes que se chegue a qualquer outro entendimento.

POLITICA ITALIANA

O fascismo triunfa!

Dez deputados expulsos

815.000 pessoas inscrevem-se no partido de Mussolini

ROMA, 17

O presidente do conselho, tratando da politica interna do gabinete, fez uma profunda critica do sistema politico dos partidos adversos, defendendo o governo fascista e a lei eleitoral apresentada á apreciação do parlamento, a qual foi seguidamente aprovada por 303 votos contra 140, na generalidade; seguiu-se a discussão na especialidade, sendo aprovado, por 235 votos contra 139 e 77 abstenções, o primeiro.

A imprensa consagra longos artigos a esta vitoria do fascismo, constatando o grandioso sucesso alcançado pelo sr. Mussolini, que conseguiu levar alguns deputados populares e socialistas reformistas a votarem a favor da reforma eleitoral.

A direcção do partido popular, reunida extraordinariamente ontem á noite para apreciar a atitude dos deputados do seu partido que votaram a favor da reforma, decidiu a expulsão de dez, por considerar um acto de indisciplina partidaria o votarem contra as instruções do seu directorio.

A camara prossegue hoje a discussão da lei eleitoral na especialidade.

O conselho superior fascista continuou a discussão da situação interna, verificando a inscrição no partido de mais 815:000 pessoas.—(E.)

Mussolini

e a sua politica externa

ROMA, 17

A camara italiana aprovou, por 303 votos contra 143 e 7 abstenções, uma moção de aprovação da politica externa, após o discurso pronunciado pelo sr. Mussolini.—(R.)

ANALISES — INSTRUMENTOS CIRURGICOS
MOBILIARIO CIRURGICO E SANITARIO
Autoclaves, macas rodadas, cadeiras de repouso, etc.
As principais oficinas d'este genero no paiz
PRODUCTOS CHIMICOS E FARMACEUTICOS
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
LISBOA — 103, L. Duas Egrejas PORTO — 90, Rua Sá da Bandeira

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

AVENIDA PARQUE
(Antigo Parque Mayer)
Recinto de recreios e diversões
TODAS AS NOITES
— CONCERTOS DE JAZZ BAND —
Aberto das 6 da tarde em deante

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF C 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.
ULTIMAS representações da comedia
ORDEM DE MARCHA
Na actual semana — 1.ª repr. da comedia
O CAMBIO... DE MARCOS
Adaptação de Tomaz Ribeiro Colaço

MOEDAS E NOTAS
DE TODAS AS NACIONALIDADES
LIBRAS E MOEDAS DE OURO
PANCADA, MORAES & C.A
RUA AUGUSTA, 37 (esquina Rua São Julião)
OPERAÇOES DE CAMBIO, CREDITO E BOLSA

APOLO Telefone n.º 4129
HOJE — A'S 21,15
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
A mais popular e querida das peças
A Morgadinha de Val-Flor
GRANDIOSO EXITO da
COMPANHIA PALMIRA BASTOS
SABADO — «FEDORA», de Sardou

Em consequencia da montagem da revista
"Tiro ao Alvo,,
estão suspensos até sabado os espectaculos no
EDEN TEATRO

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TARDE PARLAMENTAR

OS ROUBOS NOS HOSPITAIS

Uma interpelação

ao ministro do Comercio

A chamada, que começou tarde, só teve de importante um «'stá!» do sr. Sá Pereira, que ia deitando a casa abaixo. Sá Pereira, quando fala, é sempre assim — honra lhe seja—Só não o ouve quem fôr surdo de todo.

* * *

O sr. ministro do Comercio, está no seu «fauteuil» preparado para qualquer embate que surja. Vem sempre cêdo, e só falta quando não póde deixar de ser, o sr. Queiroz Vaz Guedes. Até já lhe chamam, aqui, o «pára-raios das tormentas»...

* * *

Tem a palavra o sr. dr. Hermano de Medeiros para realisar a sua interpelação ao sr. ministro do Trabalho, ácerca do caso dos hospitais civis de Lisboa.

O ilustre deputado, que é das figuras mais simpaticas da Camara, e que alia á do talento a qualidade de ser engraçadissimo, voltou-se para o sr. ministro do Trabalho, e começou por preguntar:

—Etá presente o sr. ministro do Trabalho?

O sr. Rocha Saraiva mecheu-se no «fauteuil» para provar que estava vivo; e o interpelante exclamou de dedo no ar:

—Agradeço a V. Ex.ª e agradeço á Camara terem permitido que eu falasse depois de ter estado á espera de vez desde setembro do ano passado. Não tenho voz; estou constipado; estou doente.

Deixou cair o monoculo; alguru atraz da orelhas os varais dos oculos; sacou d lenço branco; tirou os oculos; limpou-os; tornou a pô-los; tornou a tirá-los; a ver se na sala se fazia silencio; e, quando ia para entrar em materia, afirmou, numa decisão de zangado:

—Não falo! Não me prestam atenção, não falo!

Sentou-se; puxou os oculos para a testa, e, batendo com furia no tampo da secretaria, foi teimando:

—Eu não falo! Eu não quero falar, sr presidente!

Os parlamentares deram-lhe razão, indo para a sua beira para o ouvir melhor; e o orador prosseguiu:

—Não posso falar. Estou doente. V. Ex.ª vai ouvir coisas de pasmar.

Abriu um jornal, exclamando: «está aqui neste papel!» Depois, dobrou o papel; ageitou-o como se faz aos lenços, no campo, para suprir a passagem do ferro quente, arrumou-o na secretaria; aplicou-lhe duas palmadas valentes; atirou com os oculos para a testa, e disse:

—O sr. ministro do Trabalho é um belo rapaz! E' um belo caracter! E' honesto! Não lhe faço afronta!

Referindo-se ao sr. Carlos Pereira:

—O sr. Carlos Pereira não percebe nada disto. Veiu aqui por mão de quem quer que foi; mas não sabe nada disto. Perdôe o meu querido colega.

Carlos Pereira, que está perto:

—Não ouvi as palavras de V. Ex.ª.

A seguir:

—Ha um homem! Ha um clinico! Ha uma lei! Está aqui!

Um pontapé, para traz, no «fauteuil» que lhe embaraça os movimentos; outra vez os oculos para a testa; e, emquanto o sr. Brito Camacho o comtempla risonho, manda o orador este «ultimatum» ao sr. Antonio da Fonseca que estava a conversar:

—Pschiu! Vá conversar lá para fóra!

Ouve uma interrupção; e ele:

—Cale-se! Oiça: o sr. não pesca nada disto!

Daí a pouco, o sr. Moura Pinto cochichou qualquer coisa ao ouvido doutro deputado, e o orador mandou nova sarabamba:

—Pschiu! oh colega: faça favor, vá conversar lá para fóra. Isto é muito sério Isto é um assunto muito grave! Eu vou provar a V. Ex.ª. Ha um homem que roubou onze lençoes e quatro mil camisas, e ficou em liberdade.

* * *

A' hora de fecharmos o nosso relato está o sr. dr. Hermano de Medeiros a apontar facto gravissimo que a Camara escuta com verdadeira surpreza e quasi assombrada pelas deshonestidades que nos hospitais se teem cometido.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

A POLITICA DA TARDE

O governo cairá

se não fôr aprovada a suspensão de imunidades ao deputado Antonio Maya

A politica de hoje divide-se, como os «films» de grande metragem, em varias partes todas interessantes para o encalmado espectador da galeria.

A primeira parte foi secreta e desenrolou-se no ministerio das Colonias. Mas um ajudante do «operador» que simpatisa com o *Diario de Lisboa* confidenciou-lhe, mais ou menos, o entrecho. A scena representava um conselho de ministros. Discutiu-se muito a pessoa do sr. ministro da Guerra que estava presente e teimava em abandonar a sua pasta. Houve replicas, treplicas, e por fim resolveu-se... «Fim da primeira parte».

* * *

Terminado o conselho de ministros, realizou-se outro conselho de ministros a *duo*, no ministerio da Guerra. Personagens que tomaram parte: o chefe do governo e o coronel Freiria. Foi obra de meia hora. A' saida, o sr. ministro da Guerra ainda não apresentava aspecto de «ex». O sr. Antonio Maria da Silva, seguido do tenente Jorge de Carvalho, dirigiu-se confiadamente para o automovel, sorrindo o seu inalteravel sorriso de esperança inabalavel.

Pregunta do jornalista:

—Está resolvida a crise, sr. presidente?

—Não sei dizer-lh'o, por ora. O parlamento é que ha-de pronunciar-se.

—Mas ha maneira de evitar a saida do ministro da Guerra?

—Ha. Daqui a quatro horas, ou o ministerio se demite—ou fica tal qual estava.

O chefe do governo disse isto ás 14 e 30.

* * *

Precede a terceira parte deste «film» sensacional um rapido prologo explicativo. Fala de novo o ajudante de operador:

—O caso é este:—o sr. Antonio Maria da Silva proporá logo á Camara dos Deputados a suspensão das imunidades parlamentares ao capitão Antonio Maya, a fim de que este cumpra imediatamente o castigo que lhe foi imposto. Se a Camara aprovar essa proposta, volta tudo á primeira forma. Se regeitar, todo o gabinete se solidarisará com o sr. ministro da Guerra.

Resultado:—crise total do ministerio.

A scena mostra-nos agora a sala dos Passos Perdidos. E como a fita é falada, um parlamentar da esquerda declama deste modo:

— Como sabem, os independentes, desmentindo a significação propria de «independencia», constituem um grupo parlamentar. Agem como se fossem um partido; tratam-se como correligionarios. Foi isto que levou, a meu vêr, o coronel Freiria, que é independente, a pedir a demissão, depois de aplicar a pena disciplinar a um capitão que na Camara pertence ao seu grupo.

— Mas o meu amigo ignora certamente que Antonio Maia se desligou do grupo dos independentes dias antes de ter aberto conflicto com o ministro da guerra...

—Ah! Sim?! Pois não sabia...

—E' possivel que o ministro demissionario tambem o não saiba...

* * *

Quarta parte. O enredo complica-se. Daqui a duas horas já tudo estará resolvido em bem ou em mal. Mas o que o leitor pode saber desde já é o seguinte:

—Os nacionalistas não votam a suspensão das imunidades parlamentares ao deputado Antonio Maya. (Isto é dito por um marechal nacionalista).

—Nesse caso temos a queda inevitavel do governo.

—Esse é sempre o desejo das oposições.

E apoz um riso quasi satisfeito:

—Compreende que votando a suspensão abririamos um precedente detestavel. A'manhã, aproveitando a porta aberta, qualquer ministro da Guerra suspenderia todos os parlamentares que são oficiais do Exercito ou da Armada. Não pode ser. As penas cumprem-se nos interregnos das sessões. E' da Constituição.

* * *

O sr. presidente do ministerio chegou agora á sala das sessões, solene, com ares de desusada gravidade. Pediu a palavra, e contou que o conselho de ministros, tendo apreciado o incidente Antonio Maya-ministro da Guerra, resolveu pedir ao parlamento a dispensa das imunidades parlamentares para o deputado poder cumprir a pena de 30 dias de prisão que lhe foi aplicada.

Antonio Maya com energia:

— Peço a palavra!

O presidente do ministerio:

— A instituição militar tem de prestigiar-se...

Antonio Maya, a quebrar o silencio profundo que acolhe as palavras do sr. Antonio Maria da Silva:

— Apoiado!

O chefe do governo manda para a mesa a sua proposta; e viu-se o sr. Antonio Maya, no seu lugar, a bracejar no meio de um grupo de amigos que procura debalde aquietá-lo:

—Deixem-me! Não obedeço a ninguem!

E' aprovada a admissão da proposta do chefe do governo, com urgencia e dispensa do regimento, por «levantados e sentados», com contagem. Os monarquicos votaram favoravelmente por se tratar dum caso de disciplina militar.

O sr. Pedro Pita pede a palavra para uma questão previa.

Em resumo diz o seguinte:

—Já se aprovou nesta camara uma proposta que estabelece a seguinte doutrina: a nenhum deputado podem ser levantadas as imunidades parlamentares sem que sejam ouvidas as comissões. Dessa doutrina beneficiaram os deputados Cortez dos Santos e Virgilio Costa. Pregunto: ha o direito de proceder agora de modo diferente?

O discurso do sr. Pedro Pita consegue aquecer a oposição. Algumas frases destacadas, das suas afirmações:

—E' justamente quando está anunciada uma interpelação ao sr. ministro da guerra que este pretende suspender as regalias do interpelante.

E ainda;

— Que o governo caia! Não me deixa saudades! Nem sequer desejo que a terra lhe seja leve. Mas não creiam que aproveito este pretexto para o derrubar. Se pedi a palavra foi por entender que a moralidade exige que em casos identicos se siga sempre pelo mesmo caminho.

* * *

A's 18 horas a sessão decorre agitadissima. O sr. ministro da Justiça, que está usando da palavra não consegue acalmar os animos.

O sr. Cunha Leal, referindo-se ao ministro da Guerra demissionario, exclama:

—O governo quer forçosamente ressucitar um morto!

Demissão do sr. dr. Paulo Menano

Confirma-se a noticia do pedido de demissão do sr. dr. Paulo Menano, do cargo de director da policia de investigação, em consequencia dos grandes desgostos que tem sofrido desde que o exerce.

O DEZANOVE DE OUTUBRO

TERMINOU O JULGAMENTO

do comandante

do Deposito de Adidos

Continuou hoje o julgamento do ex-comandante do Deposito de Adidos, tenente-coronel sr. Santos Guerra e do sargento Jorge.

Iniciaram-se os debates.

O presidente general sr. Carvalho: — Tem a palavra o defensor do primeiro arguido.

Ergue-se o capitão sr. Pedro Simões. As saudações da praxe. E logo a seguir:

—E' para mim uma grande honra a defesa do sr. tenente-coronel Santos Guerra, embora reconheça que me falta a competencia que é bem substituida pelas provas abundantes de inocencia do meu constituinte.

Analisando a acusação:

—Que meios podia o meu constituinte fazer quando ouviu barulho no corredor, e, saindo do seu quarto, viu um grupo de assaltantes a arrombar a porta do tenente Lata?, E os outros oficiais que ouviram o ruido, o que fizeram? Fugiram em cuecas! Foram eles que aqui o disseram; eu não inventei... Então o meu constituinte que evitou que a multidão disparasse as armas e arrombasse a porta do quarto do tenente Lata é um cobarde?

—Como entraram os revoltosos no quartel?

—E' que o sr. oficial de dia numa noite de revolução em que o regimento estava de prevenção, deitou-se na sua cama e entregou a chave, do portão ao primeiro soldado que m'a foi pedir. E' nestas circunstancias que acusam o meu constituinte de cobardia? O tenente sr. Lata fez afirmações que não provou. Esqueceu-se de que era preciso provar a acusação... Este processo é um processo politico. Querem os srs. jurados saber as razões disto tudo? No Deposito de Adidos houve uma sindicancia de que o tenente-coronel sr. Santos Guerra foi perito e o ministro da Guerra determinou que as pessoas sindicadas fossem transferidas. Ora, aqui é que está a razão disfo tudo ...

Terminando, pede justiça.

O alferes sr. Jaime Brasil, defensor do sargento Jorge, declara que o seu constituinte não ofendeu fisicamente nenhum dos seus superiores. Afirma que ele entrou no quartel com autorisação do oficial de dia.

A's 17 horas, recolheu o juri para se pronunciar sobre os quesitos que lhe foram entregues.

* * *

Ao contrario do que publicaram os jornais da manhã, não se efectuou hoje no Supremo Tribunal Militar o julgamento dos tripulantes da «camionette-fantasma», por se encontrar de licença um dos oficiais que faz parte do juri.

Estiveram presentes todos os defensores dos militares que foram condenados.

Parece que só na proxima sexta feira se iniciará o julgamento de recurso.

CAMBIOS

DIA 17

	Comprador	Vendedor
£ Londres, cheque	2 13 64	2 3/16
» 90 dias	—	—
$/Paris	1$365	1$385
$/Berlim	0,10	0,15
$/Holanda	9$280	9$355
$/Madrid	3$390	3$405
$ Bruxelas	1$132	1$146
$/Roma	1$010	1$030
$ Suiça	4$130	4$160
$/Suecia	—	—
$/Noruega	—	—
$/Dinamarca	—	—
$ Nova-York	23$650	23$890
$ Brasil	2$490	2$515
Rio £ Londres	5 1/2	—
Libra esterlina	—	—
Ágio do ouro	—	—

Roubo de objectos

Apresentou queixa á policia Rita Dias, Bairro Novo da Lapa, que lhe furtaram varios objectos de ouro e roupas no valor de 2.450 escudos.